

## 4 casinhas

### Obra

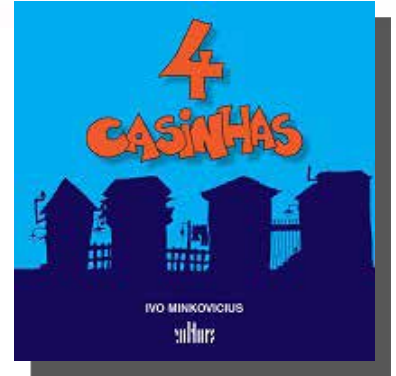
**Autor:** Ivo Minkovicius

**Ilustrador:** Ivo Minkovicius

**Faixa etária:** 7 anos em diante – leitor iniciante

**Temáticas do livro:**

- **diretas:** família – cores – numerais – profissões
- **transversais:** meio ambiente – qualidade de vida



### Biografia do autor e ilustrador

Nascido em São Paulo, Ivo Minkovicius estudou arquitetura e, como gostava de desenhar, tornou-se ilustrador e artista gráfico, aprofundando seus trabalhos na área de educação. Como criador, enveredou pelo caminho da literatura infantil, compondo e desenhando histórias que imagina para dividir com sua mulher as tarefas de entreter seus dois filhos e ensinar a eles coisas importantes, como soltar o pensamento e ler livros.

### Sinopse

Este livro engraçado trata de famílias que vivem em quatro casas. Cada residência tem sua cor e cada família, uma vocação profissional. A família Zumzum é musical; a Alicate gosta de ferramentas; a terceira, Papul, aprecia jogar xadrez; e a quarta, a família Tomada, tem pendor para coisas elétricas. Com o passar do tempo, os terrenos das casas são usados para levantar prédios que ficam cada vez mais altos. Neles, vão morar muitas famílias, cujos integrantes nunca serão conhecidos pelo narrador e, provavelmente, nem entre si. E vêm os muitos automóveis e a barulheira. O narrador pensa: e se tudo continuar assim? A história termina com uma indagação: “O que vai acontecer com a minha cidade?”.

### Estrutura da obra

O livro, todo em cores, apresenta 28 páginas, com texto adequado a crianças que já passaram pelo processo básico de letramento, uma vez que ele exige o conhecimento de sílabas bastante diversificadas.

### Pré-leitura

A capa apresenta a silhueta de quatro casas em uma rua. São sobrados antigos, com cercas e roupas no varal. O professor pode perguntar aos alunos quem moraria naquelas casas; que tipo de habitantes cada uma deveria ter.

### Leitura – texto e imagem

A leitura do livro se resume em cinco momentos: a descrição dos hábitos de cada uma das famílias e, em seguida, a mudança da paisagem urbana: as casas foram substituídas por prédios altos. Os personagens caricatos se enquadram em cenas que complementam a leitura. Nas páginas 8 e 9, as quatro casas são apresentadas: amarelo, verde, azul e laranja são suas cores, respectivamente. Todas são sobrados com aparência antiga: há flores, lampiões e roupas penduradas para secar.

O processo de apresentação de cada família traz em primeiro plano a casa, com seu número e cor. Em seguida, são apresentados os personagens. Os da família Zumzum formam uma banda. O leitor já encontrará o tocador de trompete na página 7, em uma ilustração que antecede o início da narrativa. A bateria e a guitarra são mostradas na página 12, e um violão é mencionado na página seguinte. A casa verde (pág. 14) é aquela em que moram pessoas que gostam de ferramentas: os instrumentos mencionados são a chave inglesa, o martelo, a furadeira, enquanto as ilustrações apresentam uma chave de fenda e uma caixinha de ferramentas. Na página 18, vê-se a casa azul, da família Papul. Nas páginas 20 e 21, aparecem personagens jogando xadrez em um torneio, tendo um gato ao lado.

A página 22, em cor alaranjada, traz a família Tomada. Eles adoram fios e fazem formas geométricas com eles. A página 26, entretanto, salienta o fenômeno do crescimento urbano, com a consequente verticalização da moradia, que fez desaparecerem as antigas relações de vizinhança dos antigos moradores do bairro. A indagação que encerra o livro não deve ser entendida como algo negativo – é apenas uma pergunta, e não necessariamente uma crítica pessimista do mundo contemporâneo. É verdade que as formas de relações entre as pessoas têm mudado de forma bastante rápida, mas caberá ao professor orientar atividades que permitam que os alunos reflitam e ponderem sobre o mundo e a cidade em que vivem.

## Pós-leitura

Após a leitura, o professor pode perguntar aos alunos como eles entenderam a história. Faça-os falar das características de cada família da história e imaginar como seria o dia a dia deles. Deixe que os estudantes criem soluções para essas famílias após as mudanças ocorridas no bairro. O que aconteceu com elas? Onde foram morar? Estariam vivendo em apartamentos? Houve muitas mudanças na vida de cada um? O que pode ter melhorado e o que pode ter piorado?

no campinho de futebol. As cidades são, antes de tudo, espaços de convivência, mesmo que nos esqueçamos disso. Ou melhor, que a vida corrida e a cidade dos que vivem correndo nos façam esquecer. Então, quando chegam prédios e mais prédios, carros e mais carros, amontoando pessoas que, atrás de muros, grades, guaritas e vidros de carro, não conseguem mais se conhecer, será que não estamos, no fim, esquecendo que as cidades são feitas, antes de tudo, de gente? Essa não é uma questão simples, e ela desde sempre ocupou e ainda ocupa os complexos pensamentos dos urbanistas. Mas, na verdade, talvez seja, sim, uma questão simples. Basta provavelmente saber observá-la com a simplicidade esquecida. Coisa que o lvo, meu amigo arquiteto, urbanista, desenhista, mas também poeta, soube fazer e, por isso mesmo, levar às crianças com deliciosa leveza. Um livro simples, mas que joga uma semente de reflexão para ajudar nossos filhos e netos a crescerem sabendo que as cidades devem, sim, ser, antes de tudo, feitas para as pessoas.”

Este texto pode auxiliar o professor em um projeto sobre urbanização. Por exemplo, ele pode partir da apresentação das maiores cidades do país e alguns de seus problemas, como o excesso de verticalização. Pode falar um pouco sobre as maiores cidades do mundo ou exibir o vídeo de alguma cidade grande em que a qualidade de vida seja boa. Um viés a ser explorado são as diferenças entre as formas de vida em cidades grandes, médias, pequenas e no campo, ou, ainda, os problemas da favelização das cidades grandes. Outro tema é o da conservação e preservação do patrimônio histórico e natural em meio às mudanças causadas pela crescente urbanização.

Uma das formas de despertar o senso crítico sobre a urbanização é por meio de uma atividade prática de fotografia do local em que os alunos moram, ou do bairro em que a escola está inserida. Uma planta do bairro da escola e o mapa da cidade (ou mesmo um passeio pelo Google Earth) podem ajudar no reconhecimento das paisagens urbanas. A observação do caminho percorrido todos os dias da casa até a escola pode ser um ponto de partida para o projeto. Pontos relevantes do local devem ser identificados, além da presença de ruas, praças, lixões, ruínas, locais turísticos... A comparação de fotos antigas com os locais na atualidade também ajuda nas reflexões. O resultado do projeto se daria na forma de painéis com imagens e algumas interpretações escritas das mesmas, feitas pelos próprios alunos.

## Atividade

**Cores e números** – As crianças sendo trabalhadas provavelmente já estudaram cores e números em momentos anteriores. Entretanto, o professor tem a possibilidade de criar atividades de enriquecimento, apresentando, por exemplo, atividades com misturas de cores e a divisão das mesmas entre primárias e secundárias.

Laranja, verde e violeta são cores secundárias, porque surgem a partir de cores primárias (vermelho + amarelo = laranja; vermelho + azul = violeta; azul + amarelo = verde). Uma das atividades pode ser realizada com folhas de papelão na cor branca, tinta guache nas três cores primárias e bolinhas de gude. Divididos em duplas, os alunos receberão uma folha com um bom pingo de tinta de cada cor primária. Depois, segurando e movendo o papelão, deverão fazer a bolinha de gude percorrer os pontos diferentes de tinta, misturando-as com os movimentos que farão. Outras bolinhas podem ser acrescentadas. No final, peça eles comentarem o que aconteceu. O objetivo é fazer os alunos compreenderem as noções de cores primárias e secundárias, e a composição destas últimas.

Em relação aos números, o professor pode utilizar uma atividade prática e cotidiana: descobrir como ocorrem as numerações das casas nas ruas em que os alunos moram. É bom que o professor saiba que o

## Projeto

### Urbanismo

Na quarta capa do livro, o urbanista João Sette Whitaker Ferreira, amigo do autor (que também estudou arquitetura e urbanismo), escreveu sobre o tema:

“Quando andamos pelas cidades, às vezes esquecemos que elas são feitas de gente. E que as pessoas, mas também os cachorros, os gatos, os papagaios, para serem felizes, têm que se conhecer, se ver, se encontrar. Nas casas, nas ruas, nas praças,

costume de numerar casas surgiu em grandes cidades da Europa, já no século XVIII, e que, apesar de diferenças nos procedimentos da numeração, em geral há um princípio comum: a escolha de um lugar inicial que será a base.

No Brasil, em muitas cidades, a numeração se dá de acordo com a distância da via em relação a um marco zero, que quase sempre está no centro da cidade. Assim, consegue-se determinar onde é o começo e o fim da rua e qual lado receberá números pares ou ímpares. Por exemplo: em São Paulo, quanto mais longe da Praça da Sé, maior a numeração.

**Ferramentas** – Uma atividade contendo os nomes das ferramentas mais usadas no dia a dia de uma casa, por exemplo, pode ser feita a partir da apresentação de algumas delas. Os alunos deverão se recordar como se chamam determinadas ferramentas e escrever seus nomes corretamente. É possível que alguns deles tragam contribuições a partir da profissão dos próprios pais (que podem ser pedreiros, carpinteiros, eletricitistas etc.).

**Instrumentos musicais** – Brincadeiras com instrumentos musicais são muito apreciadas. O professor pode se aproveitar da família Zumzum para apresentar instrumentos comuns na musicalidade brasileira, e até mesmo criar oficinas para a confecção de alguns deles. Berimbau, pandeiro, reco-reco, cuíca e atabaque são alguns desses instrumentos. Um reco-reco, por exemplo, é bem fácil de ser feito. Para isso, podem ser usados rolos de papelão (parecidos com aqueles dos rolos de papel-toalha ou ainda de plástico-filme). O professor ensina os alunos a fazer marcações com mais ou menos 1 cm entre cada sulco. Depois, com bastante segurança (utilizando, por exemplo, uma faca com serrote, daquelas de fatiar pão), faz-se um sulco no local de cada marcação. Em seguida, lixa-se (caso haja rebarbas) e pode-se pintar o instrumento com guache. Um palito ou hashi (palitinho de comida japonesa) completará o instrumento musical.

## Ligações

**Música** – A Casa (Vinicius de Moraes), Saudosa Maloca (Adoniran Barbosa), Lá no Pé da Serra (Elpídio de Moraes), São Paulo, São Paulo (Premeditando o Breque), Rio 40 graus (Fernanda Abreu) oferecem letras que podem ser trabalhadas com alunos de faixas etárias diversas, em projetos variados. Algumas das letras também podem gerar análises comparativas.

**Filme** – Turmas com alunos maiores podem ver o filme brasileiro Sábado (Ugo Giorgetti, 1995), cujo enredo se passa em São Paulo. Uma equipe de publicidade ocupa o saguão do antigo Edifício das Américas, no centro da cidade, para gravar um comercial. Mas um elevador quebrado obriga equipe e moradores a dividir o mesmo espaço. Desse convívio forçado, surgem pequenos incidentes que tornam aquele sábado diferente de qualquer outro.

**Xadrez na escola** – O link a seguir traz para o professor uma reflexão sobre a importância do jogo de xadrez no ambiente escolar:

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/xadrez-na-escola-617282.shtml>

### Elaborado por:

**Adriano Messias**, escritor de livros infantojuvenis, tradutor e adaptador, doutorando em Comunicação e Semiótica, mestre em Comunicação e Sociabilidade, graduado em Jornalismo e em Letras. E-mail: [adrianoescritor@yahoo.com.br](mailto:adrianoescritor@yahoo.com.br). Blog: [www.adrianomessiasescritor.blogspot.com.br](http://www.adrianomessiasescritor.blogspot.com.br)